

# NOTA DE ABERTURA

Publicação com uma periodicidade de largos anos, o número 59 do *Boletim de Estudos Clássicos* é finalmente entregue aos seus leitores, aos amadores e amigos, professores, académicos, estudantes, investigadores, a toda uma comunidade que valoriza os estudos clássicos e os entende como participantes plenos na cultura, no desenvolvimento humano e científico, na educação integral do indivíduo do séc. XXI. Trabalho e dedicação de persistência, muitos o sentirão...

A investigação, o ensino e a aprendizagem em Estudos Clássicos no mundo desenvolvido dos nossos tempos nunca foi um esforço desenvolvido por maciços grupos de profissionais, teremos de ser francos. Desde que as academias de Estudos Clássicos se desenvolveram no nosso país, tarde e más horas quando comparadas com outros países europeus, contaram-se por dezenas, talvez poucas centenas, de estudantes que no ensino superior faziam os seus estudos nas áreas científicas específicas de Estudos Clássicos. Mas esta dedicação e entrega formaram gerações de professores de Português, Latim e Grego, que assim semearam nas escolas do ensino básico e secundário em que trabalharam e participaram no esforço da educação das novas gerações, associando os conteúdos clássicos às disciplinas e aos programas de Filosofia, História, Português, Literatura Portuguesa, Línguas Estrangeiras; e mais especificamente o Latim e Grego. Simultaneamente, professores e investigadores prestam o seu serviço de ensino das mais diversas matérias no âmbito dos Estudos Clássicos em todas as Universidades e em alguns Politécnicos do país. Jovens continuam os estudos do 2º ciclo e do 3º ciclo, preparando e defendendo as suas dissertações em Estudos Clássicos. Neste domínio, saliente-se o apoio à investigação avançada dos dois Centros de Estudos Clássicos do país, o Centro de Estudos Clássicos de Lisboa e o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos de Coimbra. Formados pelas nossas academias, alguns colegas prestam serviço em escolas de

Português e em Universidades estrangeiras, em leitorados e em colégios. É uma comunidade que atravessa todas as gerações, disseminada pelo país e pelo mundo, que interessa apoiar e dar a conhecer no trabalho que desenvolvem.

Hoje, o ensino do Latim e do Grego, conhecimento fundamental e axial para o desenvolvimento dos Estudos Clássicos, está praticamente ausente do ensino público não superior, enfraquecido por um enquadramento curricular adverso. Os colegas professores de Português e Línguas Clássicas foram, aos poucos, remetidos para apoiar outras áreas disciplinares, não se dando ainda (o que é mal geral para todo o ensino nacional) a renovação pela contratação de novos professores. Nas universidades, o cenário é também de alguma estagnação. Muitos conhecerão a experiência de servirem as suas instituições, participando na docência de conteúdos periféricos em relação aos Estudos Clássicos. Tratar-se-á de um despropósito? Vejamos a questão pelo lado do copo meio cheio: a presença de especialistas em Estudos Clássicos a lecionarem outras áreas das humanidades acaba por fundamentar a qualidade e a elasticidade de uma formação em Estudos Clássicos, que não cerra o formando no esqueleto frio da sua especialidade, antes lhe abre portas para um olhar renovado sobre o mundo.

Mais do que nunca, portanto, se torna necessário estabelecer a comunicação e o diálogo com os docentes, aspirantes a docentes, investigadores no terreno, estudantes, amadores no geral. Acaso duvidamos do potencial enriquecedor do espírito, da sensibilidade, do intelecto da História e da Filosofia Antigas, das Línguas, das Literaturas, das Culturas, da Arte das civilizações grega e romana? O que nos devolve o olhar de quem – enquanto professores e alunos de Estudos Clássicos – conosco aprende ou nos ensina? O que sentimos, quando ensinamos ou aprendemos? Desalento? Sentido de missão cumprida? Entusiasmo? Descoberta? Curiosidade de querer saber mais?

Pode constituir um paradoxo, atendendo que os Estudos Clássicos têm por núcleo de estudos a Antiguidade Grega e Latina, mas testemunho, enquanto professora e investigadora, a inesgotabilidade de sentidos

numa área de estudos que permanentemente se renova. A “permanência da significação”, dizia *in illo tempore* Vitorino Nemésio, ser a qualidade de algo a que se aplique o adjetivo ‘clássico’. Ou, como Sólon, a dado tempo, afirmou que “...aprendia sempre novas coisas com a passagem dos anos”. É esta aprendizagem permanente e interativa que gostaríamos de ver valorizada no Boletim, pois seremos sempre jovens...

O conteúdo deste Boletim pretende dar voz a esta renovação a que a frequência dos Estudos Clássicos nos desafia. Significativo é que vencedores do *I Concurso Literário de Contos de Inspiração Clássica* (ver Notícias) sejam estudantes de ciências exatas, ou estudantes do Ensino Secundário que não puderam frequentar Latim na sua Escola porque esta disciplina não fazia parte da sua oferta curricular, o que serve justamente de indicativo acerca do público a que queremos, e podemos chegar.

Algumas contribuições, como verão, vêm justamente de autores que não são estritamente classicistas, sinal da capacidade não esgotada nos Estudos Clássicos de suscitar leituras novas e relações com formas de arte mais recentes, como o cinema; ou interesses científicos mais específicos, como é o estudo da alimentação. Outras contribuições dão corpo a uma tendência que está instalada na comunidade de interesses dos Estudos Clássicos, que é a da Lusofonia. As contribuições de professores e investigadores do Brasil são sinal de um espaço aberto para a troca de saberes e de experiências na investigação e docência dos Estudos Clássicos.

O *Boletim de Estudos Clássicos* serve ainda o propósito da abrangência. “Para um clássico, nada é alheio”, apetece dizer, parafraseando a máxima terenciana. Sem prejuízo da qualidade científica, do cumprimento da aferição da mesma e das normas de qualificação das publicações académicas, exigidas por várias instâncias o que, a médio prazo reverterá benefícios para a publicação em si e para os autores que nela publicam, iremos continuar a incluir as secções temáticas tradicionais do Grego, Latim, Latim Medieval, Latim Renascentista, mantendo áreas de estudo mais específicas, como são, nesta edição, a da Arqueologia,

da Epigrafia, Arte, Alimentação, sem prejuízo a que outros temas, no futuro, ganhem corpo. Caudal imenso que muito estimamos, porque é ele próprio a seiva e a consequência dessa renovação, por isso valorizamos a secção temática da pervivência clássica, estudos de recepção ou, como optámos por lhe chamar, de ‘Tradição Clássica’. Neste sentido, o *Boletim de Estudos Clássicos* pretende também ser um espaço de partilha de experiências ou de projetos quanto à aplicabilidade dos Estudos Clássicos em contexto contemporâneo.

O *Boletim de Estudos Clássicos* continuará a fazer jus à sua missão de divulgar a investigação sobre os Estudos Clássicos na sua vertente pragmática, e na sua aplicabilidade pedagógica e didática, sobretudo: análise, comentário e tradução de textos e de documentos antigos; formas e métodos de divulgação de aspetos da cultura clássica; relação entre os Estudos Clássicos e formas de arte; análise e crítica literária; propostas ou partilhas de experiências pedagógicas e didáticas; trabalhos de estudantes; partilha de etapas da investigação com interesse para o grande público. Enfim, assuntos e temáticas cuja unidade se encontra no facto de serem atravessadas pelo filão alimentador dos Estudos Clássicos e por uma abordagem dirigida à divulgação entre a comunidade educativa alargada.

PAULA BARATA DIAS